



CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DA MÃO DE OBRA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DA CIDADE DE PORTO VELHO-RO

ALMEIDA, Mylena¹;

OLIVEIRA, Valéria²;

UCHOA, Miralba³

¹Técnica em Edificações, acadêmica de Engenharia Civil, UNIR, Porto Velho, Rondônia, mylenalmeida.95@gmail.com

²Docente do curso em edificações, Engenheira civil, mestre em estruturas e construção civil, IFRO, Porto Velho, Rondônia, valeria.oliveira@ifro.edu.br

³Docente em Ciências Contábeis, Técnica em Edificações, IFAM, Porto Velho, Rondônia, miralba@ifro.edu.br

Resumo. *A construção civil é um setor de relevância econômica e social. Contudo, inúmeras obras civis evidencia-se um problema recorrente ao setor, na qual a mão de obra, essencialmente se dá por pessoas de baixa instrução. Qualificar esta mão de obra, por vezes, representa um grande desafio para o setor, pois investir na qualidade da mão de obra é assumir risco investimento e perda, pois a rotatividade é um fator extremamente corrente nos canteiros de obra. Desta forma, o trabalho proposto buscou caracterizar o perfil da mão de obra da construção civil de Porto Velho – RO. A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário em 03 canteiros de obras respondido por 33 operários. Os resultados mostraram os perfis dos operários conforme idade, estado civil, renda, escolaridade e satisfação profissional. O perfil do trabalhador da construção civil representou faixa etária acima de 40 anos, em sua grande maioria casados, com renda familiar entre 0,5 e 1 salário mínimo, grau de escolaridade baixo, sem a conclusão do ensino fundamental, que nunca recebeu qualquer tipo de formação profissional, que não teve outra opção de emprego antes de chegar a construção civil, e exerce a mesma função há mais de 10 anos.*

Palavras-chave: *Construção civil, Caracterização, Perfil, Mão de obra.*

1 INTRODUÇÃO

A indústria da construção civil cumpre um papel fundamental na economia por articular diferentes setores, de insumos, serviços, tecnologias e inovações. Durante os últimos anos, a construção civil foi cenário de geração de emprego e renda para muitas famílias brasileiras, por meio de obras do programa PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), obras civis do programa de habitação Minha Casa Minha Vida, obras ligadas a eventos mundiais como a Copa de 2014, e as Olimpíadas de 2016. Na vigência de inúmeras obras civis espalhadas pelo país, evidenciou-se um problema recorrente ao setor: a falta de qualificação da mão de obra.

CORDEIRO e MACHADO (2002) afirma que se nos locais de trabalho não existe uma preocupação com os trabalhadores, para treiná-los, capacitá-los, criar uma identificação com a empresa, e se não há consciência de que a qualidade do produto depende única e totalmente desses trabalhadores, não haverá comprometimento com a qualidade. Com isso, pode-se afirmar que a empresa que valorizar seus trabalhadores, além de estar assegurando lugar no mercado, provavelmente irá crescer em consequência dessa valorização, pois agregado a esses fatores estará à competitividade e a qualidade do produto final.

A mão de obra da construção civil brasileira, essencialmente se dá por pessoas de baixa instrução, presentes na base da pirâmide social, em sua grande maioria residente de áreas suburbanas e até mesmo rural, que frequentemente iniciam no ofício sem qualquer conhecimento prévio de sua função, muita das vezes iniciados no canteiro de obras por amigos próximos ou parentes para a obtenção de renda. Qualificar esta mão de obra, por vezes, representa um grande desafio por parte dos gestores, pois investir na qualidade da mão de obra é assumir risco investimento e perda, pois a rotatividade ainda é um fator extremamente corrente nos canteiros de obra. Por outro lado, deve-se levar em consideração até que ponto o investimento na qualificação da mão de obra compreende um processo viável, eficaz e se este poderá contribuir para o retorno financeiro da empresa.

Para FORTES (2013) reverter o quadro da falta de investimento pelas empresas e de ações programáticas é uma necessidade local, investir em mudanças na construção civil nos vários níveis hierárquicos das empresas, dos empresários à mão de obra operacional, mediante a inserção e reformatação de programas de qualificação profissional.

Por encontrar mão de obra barata, as construtoras encontram lucro maior na relação preço e custo, evidencia-se, a venda de unidades habitacionais de baixa qualidade por um preço elevado. O retrabalho, o desperdício de material, a falta de profissionais capacitados e mesmo a má gestão dos canteiros de obra incidem sobre o custo direto, a qual poderia ser melhorado e evitado pela qualificação profissional que deve ocorrer desde os profissionais que fazem a concepção do projeto aos níveis mais baixos da classe operária.

2 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem por objetivo principal traçar o perfil da mão de obra da construção civil de Porto Velho e relacioná-los a qualidade do produto final que essa mão de obra produz. Os objetivos específicos estudados foram:

- Analisar dados e fatores relacionados a qualidade de vida, níveis de instrução;
- Investigar o nível de satisfação profissional, analisando sua relação com a empresa, e o envolvimento com ela;
- Identificar possíveis medidas de qualificação profissional, partindo da necessidade a ser encontrada pelo perfil do profissional pelos dados obtidos.

3 METODOLOGIA

Para chegar ao objetivo proposto foram analisados os dados obtidos por meio de questionário aplicado entre Junho a Agosto de 2014, na cidade de Porto Velho-RO. O questionário, que consta como anexo I, contém 19 questões que abordam a vida pessoal e profissional do entrevistado, informações estas que se aplicam a: idade, sexo, renda familiar, escolaridade, formação profissional, área residente, tempo de trajeto de casa ao trabalho, tipo de transporte utilizado, tempo de atuação na empresa, tempo de atuação na mesma função, tempo de atuação dentro da construção civil e perspectivas de qualificação profissional.

A metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário em 03 canteiros de obras respondido por 33 operários.

4 RESULTADOS

Em relação a faixa etária, mostrou-se bastante variada, demonstrando que o canteiro de obras por mais que ofereça riscos, ainda há jovens que compõe parte do corpo de trabalho desse ambiente, onde 18% estão entre 18 a 25 anos, 12% entre 25 a 30 anos, apenas 6% entre 30 e 35, 18% entre 30 e 40 anos, mas a grande maioria ainda se configura de profissionais acima de 40 anos, representando assim 46% dos entrevistados. Pode-se observar durante a aplicação do questionário que parte dos entrevistados entre 18 a 25 anos julgam a profissão como passageira e esperam mudar de profissão nos próximos anos, e ainda, classificam a área da construção civil como uma área que necessita de pouco conhecimento, já que exige muito esforço físico. Entretanto, considera-se a idade acima de 40 anos, uma idade avançada para a profissão, já que esta exige esforço físico elevado.

De acordo com as entrevistas, grande parte dos operários moram nas regiões periféricas, onde na zona leste 36% residem, 33% moram na zona sul, e 27% habitam na zona norte, e apenas 3% moram na zona centro da cidade. E 48% dos entrevistados utilizam para o trajeto casa/trabalho a bicicleta como meio de transporte, e 45% afirmam gastar entre 30 a 45 minutos no trajeto, apenas 27% declararam possuir motocicleta, e afirmaram que utilizam desse meio de transporte para reduzir o tempo de trajeto, 30% dos entrevistados o tempo gasto no trajeto é 10 a 15 minutos.

Dos entrevistados, 60% são casados e constituem famílias com filhos, 33% são solteiros e apenas 6% são divorciados, entretanto ainda participam da renda financeira dos filhos. A renda per capita dos entrevistados, figura 1, mostra que 48% representa entre 1 e meio salário mínimo e 30% menos que meio salário mínimo.

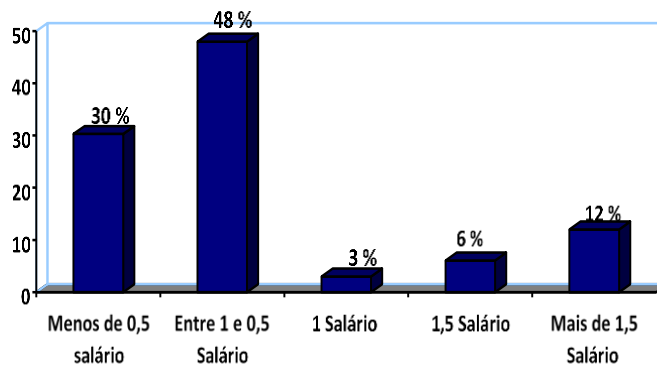


Figura 1. Demonstração de renda per capita.

Em relação ao grau de escolaridade, 54% não chegaram a concluir o ensino fundamental, e 24% não chegaram a concluir o ensino médio, dentre os 15% que concluíram o ensino médio não houve registro de nenhum operário que conseguiu chegar ao ensino técnico ou ensino superior. Estes dados quando comparados aos dados obtidos na pesquisa efetuada pelo Grupo Hipervisão (apud HONORIO, 2002) em 1995 e atualizada em 2001, cujos índices de escolaridade apresentavam 20% analfabetos e aproximadamente 60% chegaram a completar as quatro primeiras séries do 1º grau, demonstram que houve uma grande evolução no aspecto escolaridade dos operários de obras, mas, ainda pode-se caracterizar como muito baixa a sua formação escolar. 81,8% disseram nunca ter cursado qualquer formação profissional, nem para atuar em outra área ou para atuar na área da construção civil, a falta de escolaridade é um dos fatores que influenciam na falta de qualificação profissional. Dentre os entrevistados, não houve registro de que algum operário estivesse prosseguindo o estudo básico, médio ou mesmo qualquer outra formação profissional. Quando entrevistados sobre o tempo que trabalham na empresa, pôde-se notar que grande parte da mão de obra é marcada pela rotatividade, que pode ser atribuída a diversos fatores, que vão desde o tipo de seleção da empresa, fase de execução da obra, recessão econômica, dessa forma o gráfico abaixo demonstra os dados colhidos, figura 2.

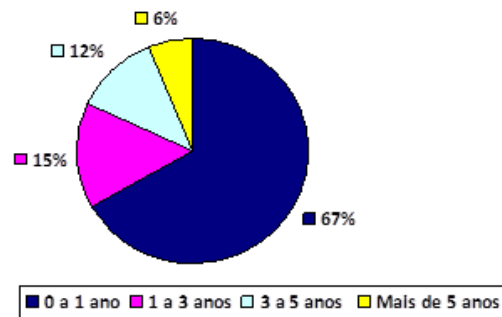


Figura 2. Tempo de serviço

A rotatividade da mão de obra nas empresas não é benéfica nem para a empresa, nem para os trabalhadores, pois o curto período de permanência numa construtora prejudica e dificulta o aperfeiçoamento e a ascensão profissional do trabalhador, proporcionando baixa produtividade e não-conformidade nos serviços. Dos operários entrevistados, 66% afirmaram já ter trabalhado em outra construtora, em relação a função de trabalho, a figura 3 representa que uma expressiva porcentagem dos operários declaram exercer a mesma função há mais de dez anos. O tempo de serviço na mesma função pode demonstrar a resistência de alguns operários ou a falta de interesse no desenvolvimento e crescimento profissional, como também pode denotar a ausência de uma política de recursos humanos por parte de empresas construtoras, fato já observado em pesquisas no setor, como a de CORDEIRO e MACHADO (2002). O tempo de exercício de uma mesma função, que por um lado pode ser vista como experiência, por outro lado pode acarretar uma série de perspectivas negativas, já que a maioria dos operários nunca receberam uma formação profissional na área, podendo assim, acarretar vícios e erros comuns ao executar sua função, esse fato se evidencia quando em visita ao local da obra, durante a aplicação de questionário muitos funcionários ainda executavam o processo de mistura inadequada de materiais, a má execução de recursos disponibilizados. O número é expressivo dos operários que atuam dentro do mercado da construção civil há mais de 10 anos, durante a aplicação do questionário, grande parte dos operários declararam não buscar outras alternativas de trabalho por não possuírem escolaridade, por não possuírem formação profissional e afirmam que pela idade em que se encontram é tarde para buscar outra fonte de renda, ou outra profissão, figura 4.

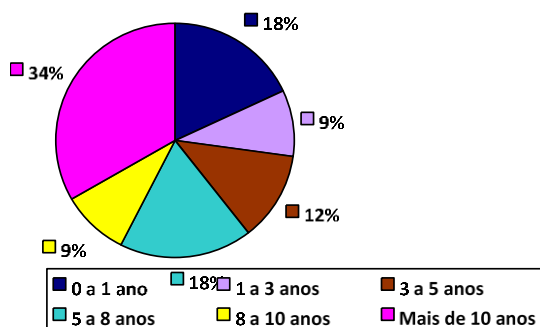


Figura 3. Tempo de trabalho numa mesma função.

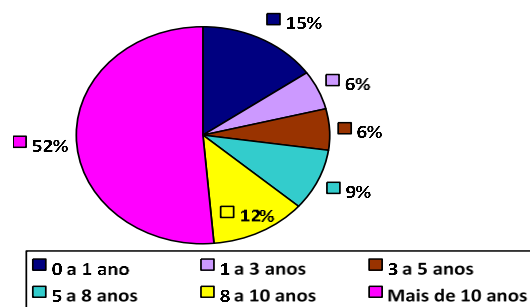


Figura 4. Tempo de trabalho numa mesma função.

Devido à baixa escolaridade, a falta de formação profissional, notou-se que a profissão anterior dos entrevistados se classificam como funções de serviço. E uma expressiva porcentagem declararam não ter atuado em outra profissão, e 18% afirmam ter migrado do campo para a cidade, e tiveram a construção civil como primeira oportunidade de emprego. Na construção civil é muito comum que o ofício seja repassado de maneira informal, a qual por vezes e quando um colega de profissão sofre algum acidente de trabalho, ou é demitido, dessa forma, ainda que nunca tenha executado nenhum ofício relacionado a construção civil, o operário se sente apto para executar a função, já que muitos julgam não é necessário nenhum tipo de conhecimento prévio para tal.

Quando questionados sobre satisfação profissional, pode-se constatar um alarmante resultado de insatisfação com o salário, 87,8% dos entrevistados afirmaram não se sentirem satisfeitos com o salário que recebem, 60% do total dos entrevistados afirmaram que exercem atividade remunerada fora do horário de trabalho para aumentar a renda familiar, dessa forma, procuram exercer atividades dentro da construção civil e afirmaram possuir aptidão por outras áreas que não executam dentro da empresa.

Há uma unanimidade que afirma nunca ter recebido qualquer tipo de formação por parte da empresa, 100% dos entrevistados declararam que a empresa nunca aplicou qualquer tipo de treinamento ou capacitação, e quando questionados sobre o interesse em receber esse tipo de formação, 6% declararam que não fariam, sob a justificativa que já exercem a profissão há muitos anos e que não precisam mais que qualquer tipo de instrução. Dos entrevistados, 15% declararam que gostariam de receber treinamentos e capacitações se fosse oferecido dentro do horário de trabalho, sob a justificativa de que aos finais de semana exercem outras atividades remuneradas, e excluem o período noturno para qualquer atividade de capacitação por sentirem cansaço físico e usarem esse tempo para o descanso. E a maior parte dos entrevistados, 79% declararam que possuem interesse em receber treinamento fora do horário de trabalho, sob a justificativa de aproveitar as oportunidades de capacitação, já que essas são escassas, e principalmente, por almejem trocar de função e passarem a ter um aumento de salário.

5 CONCLUSÕES

Diante dos dados expostos, pode-se considerar o perfil do trabalhador da construção civil, que é marcado pela faixa etária acima de 40 anos, em sua grande maioria casados, com renda familiar per capita entre 0,5 e 1 salário mínimo, com grau de escolaridade baixo, sem a

conclusão do ensino fundamental, que nunca recebeu qualquer tipo de formação profissional, que não teve outra opção de emprego antes de chegar a construção civil, e exerce a mesma função há mais de 10 anos. O operário da construção civil, de acordo com os resultados, não compõe o corpo da empresa por mais que cinco anos, atua na área da construção civil há mais de dez anos, é insatisfeito com o seu salário e procura exercer atividade remunerada fora do seu horário de trabalho, e declara ter aptidão por outras áreas dentro da construção civil, mesmo sem nunca ter recebido qualquer tipo de treinamento ou capacitação por parte da empresa que faz parte. O operário da construção civil da cidade de Porto Velho-RO espera receber treinamento por parte da empresa mesmo que seja fora do seu horário normal de trabalho, pois acredita que poderá ainda mudar de função e conseqüentemente ter um salário maior.

O perfil pessoal e profissional do funcionário influencia diretamente na sua qualidade de execução de um serviço, e está diretamente relacionado com a sua capacidade de se lidar com problemas durante a execução, que podem acabar por caracterizar um bom ou mau serviço por ele executado. Além disso, há outros gargalos diretamente ligados ao mau rendimento de função, já que a qualificação profissional praticamente inexistente dentro dos canteiros de obra, e por parte da empresa, acabam por não impor regras e métodos de execução padronizados para que se obtenha um produto final de qualidade, e padrão de qualidade como marca da empresa. Compreende-se que quanto mais se investe na mão de obra, maior será o seu comprometimento com a empresa, conseqüentemente maior será o rendimento efetuado pela empresa, que poderá reduzir o custo de encargos sociais ao contratar e demitir funcionários, e na economia de material utilizado no decorrer do processo construtivo. Simbolizando portanto, a investigação do perfil da mão de obra como uma alternativa para que o treinamento seja efetivo e traga bons resultados não somente a empresa, mas o ao funcionário também.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, C. C.; MACHADO, M. I. O perfil do operário da indústria da Construção civil de Feira de Santana: Requisitos para uma qualificação profissional. SITIENTIBUS. Feira de Santana, n°26, p. 9-29, jan/jun/2002.
- FORTES, M. S. A.; UNIVERSIDADE JEAN PIAGET; Cidade da Praia, Santiago, Cabo Verde. Influência da mão de obra na qualidade da construção civil; 2013. Trabalho de conclusão de curso.
- HONORIO, D. E.; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; Florianópolis. A qualidade de vida do operário da construção civil e sua importância na qualidade e produtividade em obras. 2002. Dissertação.